2.6.3 A «BRIGADA DA MADRUGADA»

Slavoj Zizek. «Ambientes de gajo» em Tete. A Beira e as irmãs Jardim. Lourenço Marques, o Hotel Polana ou «A Grande Dama», e a Rua Araújo. Danças de varão e outras danças. Fradique Mendes e «a metafísica da voluptuosidade». Lígia ou o *derrière* perfeito. A pureza selvagem de Neves e São Paulo.

A clara, regular e poderosa relação dicotómica entre o dever, de dia, e o prazer, à noite, não tem em Neves a disciplina paranoica que Slavoj Zizek estudou nos japoneses. Ao contrário dos nipónicos, o Tigre não tem o *dever do prazer,* o prazer regulamentado, com horário definido. Tal não acontece com ele devido à sua entrega total à esfera militar — está de algum modo sempre tenso, de prevenção — e porque é demasiado livre e imprevisível para se submeter a uma agenda fixa do prazer que, exatamente por o ser, impede esse mesmo prazer. Quando tal sucede, deixa de ser libertação do cansaço e dos problemas do trabalho para se transformar numa nova prisão.

O patriótico capitão Gonçalves das Neves, já praticamente Jaime Neves, pertence à mais solta linha inglesa do *work hard, play hard.* Em versão castrense, é o célebre «serviço é serviço, conhaque é conhaque», que, se não foi inventado por ele, bem o poderia ter sido. Quando o trabalho não o chama, dá imediatamente espaço à sua insaciável fome de vida, de boa vida. A realidade do dia é então substituída pela fantasia da noite, que impõe o poder do hedonismo e da sensualidade. O disciplinado, e disciplinador, é substituído pelo boémio.

Além das mulheres, o capitão da 2.ª CCMDS atira-se aos populares vícios dos copos e dos jogos, dos jogos de baralho e outros. No dominó, o sargento Ribeiro, quando furioso com o jogo do «Comandante», dirá a frase muito recordada e que muitos risos tem provocado:

— Oh, meu capitão, você confunde foder com rachar lenha!

Copos, cartas e corpos são as três formas clássicas de busca do prazer dos combatentes. São também meios de esquecer a violência no mato. No letal combate militar, o homem perde a humanidade, recupera-a depois dos tiros e, tantas vezes afetado, procura esquecer a besta que foi. Que teve de ser. Seja na Beira, a primeira grande cidade sem guerra, a cidade de Jardim e dos «doirinhos rodesianos»; seja em Nampula, a capital da guerra, a duzentos e quarenta quilómetros do Lumbo, onde, nos seus «repentes», vai «beber uns uísques» e não só; seja numa rápida ida a Lourenço Marques, o Tigre dá sempre azo «aos copos, à batota e às mulheres», quase sempre com o seu bando, que agora inclui um empresário tropical ligado às pescas. Bolinhas é o seu nome e o seu novo «irmão», o irmão que não tem — e o «irmão» Eanes está a milhares de quilómetros. Bolinhas tem a logística necessária para poder entrar na paródia à vontade. Providencia contactos, apartamentos, carros.

Em Tete, além do rio, onde os comandos, antes de irem à água, lançam granadas para atordoar as duras cabeças dos crocodilos, são vários os locais para o descanso dos guerreiros. Um deles é o Maxim's, onde atuam Orlandini, em *playback,* e os pianistas Shegundo Gallarza e Mário Simões, que, anos mais tarde, em Lisboa, atuará no Bico Dourado, na Rua da Misericórdia. Certa vez, neste Maxim's, um dos soldados de Neves lança uma granada que, indo além do milagre, não fere ninguém. Ações bravias dos comandos nas povoações são frequentes, transportando assim, em modo suave, a brutalidade da selva, do primitivismo, para a civilização. Há que manter a adrenalina do mato no descanso, no «refrescamento». Há que viver o mais possível o dia de hoje porque amanhã pode-se estar já a fazer tijolo ou com um pé a menos. Com os comandos na cidade, há quase sempre confusão. Viaturas em infração, desprezo pela Polícia Militar, que «não anda no mato a batê-las», ou, para descontrair, a bendita pancadaria. Os comandos, fora do mato ou do

quartel, continuam lobos. Mantêm um porte de lobos, seguros de si, tão diferentes dos outros animais, dos militares «da pacaça». Passeiam pelas povoações em grupos de dois ou três, bem fardados, bem barbeados, com as mãos atrás no cinturão, batendo com as botas bem engraxadas no chão. E os lobos não usam coleira, como lembra o título da novela de Carlos Vale Ferraz, da qual parte o intensamente masculino e comovedor *Os Imortais,* de António-Pedro Vasconcelos. Além disso, o *pastor da alcateia* protege os seus lobos contra tudo e todos.

Um dos mais leves casos de proteção dos seus homens dá-se com uma Madame Claude preta com duas casas de passe em Montepuez. A Madame pede audiência ao «Comandante». Quer fazer uma queixa. Neves, oficial e demasiado cavalheiro, com um ou outro ademane a mais, recebe a senhora.

— Ai, nosso cumandanti, estais bom, pá?

— Muito bom!

A matrona senta-se.

— Nosso cumandanti, seu homis pode fazê tudo cum minhas minina, pá. Tudo, tudo. Té batê nelas.

Neves muito atento.

— Purrada num leva a mal. Esquecé tudo, nosso cumandanti, pá.

Neves junta as sobrancelhas, enruga a testa.

— Mas depois di fodê, deixá péli di piça nas minha minina?! Ai, nã podi, nã podi! Nã podi, nosso cumandanti, pá!

Neves percebeu. Depois de, acompanhada até à porta de armas, a Madame sair do quartel, Neves reúne os oficiais e conta-lhes o sucedido. Nunca mais os comandos deixaram os preservativos à toa nas rameiras pretas.

Ainda em Tete, a Taberna do Cigano, o Cadima e o Cabral são outros lugares de descompressão da «Brigada da Madrugada» de Neves, dos comandos e ainda de alguns *farmers* rodesianos. São bares-restaurante onde os comandos entram regaladamente pelo prego no prato e pela santíssima trindade dos camarões-tigre, da castanha-de-caju e da cerveja *Laurentina.* Para os mais biqueiros, há ainda o matapá,

«um caril especial» ou a galinha à zambeziana. Depois da fome e da sede sofridas no mato é a apoteose da comida e da bebida. Vingam-se da comida do quartel e, muito especialmente, das brutas rações de combate, salgadas do queijo, das sardinhas e do atum, que puxam por água, matéria escassa no mato. Muito sofre o Tigre com estas rações, porque «no mato, para mim, o pior é a sede». Chega a beber água da chuva das pegadas de elefante previamente coada por um lenço e desinfetada por um comprimido. Outro poiso de prazer é o Hotel Tete com o concorrido bar no último andar.

Na Beira, onde, no Grande Hotel, as irmãs Jardim fazem furor, os santuários civis de Jaime Neves são os restaurantes O Campino, O Grego, A Gôndola, que é o melhor, ou O Jockey, cujo dono é um tal Simão «Pistoleiro», que tinha estado com o «Comandante» na Índia. Os *cabarets* são o Moulin Rouge e A Primavera. Os cafés, o Scala e o Sheik. Há ainda as espeluncas de Montepuez e de Mueda. Aqui, no centro da terra da guerra, a toca do China, com as suas muito oferecidas filha e sobrinhas, ganha merecida fama. Por sua vez, nos rápidos saltos a Lourenço Marques, onde tem uma curta inclinação sentimental por uma certa e discreta Noémia, Neves circula pela casa de fados junto à «Grande Dama», cognome do mítico Hotel Polana, onde bebe o seu *Cutty Sark,* passa pelo Café Scala e pela Cervejaria Laurentina e, depois do Ponto Final, na Avenida Pinheiro Chagas, desagua na maré noturna da célebre Rua Araújo, na Baixa. É a grande zona do comércio sexual da cidade das magníficas acácias. Entre a clientela, destacam-se, além dos militares, os lavradores sul-africanos, os racistas *boers,* que fossam na rebaixolice com as prostitutas pretas.

Neves não se movimenta na boa sociedade instalada. Não circula por salões, fazendo conversa de circunstância com senhoras burguesas. São áreas e gente que o fazem sentir quase acanhado. Fora do mato ou dos quartéis, Neves sente-se «à vontade, muito bem mesmo, é no bar, no alterne». Em boa parte destes locais, circulam mulheres que buscam desesperadamente um noivo que seja um graduado branco. Muitas vivem «de tirar a cueca», não poucas são «alternadeiras». Há ainda especialistas de várias danças. Praticam desde

a *lap dance,* com piruetas numa cadeira, até à *floor dance,* onde os seus aparelhos de lactação se esmagam contra o solo, passando obrigatoriamente pela *pole dance,* onde brilham as rainhas do varão. São danças, ou melhor, «*performances of teasing art*», que, segundo a publicidade, servem para «promover a sensualidade e a autoestima», além, naturalmente, de com elas «se trabalhar a consciência corporal». Fradique Mendes, se tivesse passado por aqui, remataria, sem dúvida, esta publicidade erudita com uma «metafísica da voluptuosidade».

Lígia, uma das rainhas do varão, é uma loira alta e dona vaidosa de um *derrière* perfeito. É «um rebuçado para os olhos», irresistível como uma vertigem para muitos, incluindo Neves. Esta Circe fá-lo ter «repentes» que o levam a fazer os setecentos quilómetros de Tete à Beira, onde a *stripper* arrasa. Está, pelo menos, no mesmo patamar de sedução de Claudette la Bête, que, pela mesma altura, usando ligas com o lema *Vieni qua, Baron,* arrasa nos *mauvais lieux* de Lisboa. Mas mesmo para um excessivo Neves, ter duas paixões em simultâneo é excessivo. A paixão pelos comandos, pela guerra, pela aventura vence sempre. Até encontrar Delfina Coré dos Santos, Jaime Neves é um romântico rápido. Tem intensas paixões de duas a três horas. Embora afetuoso e sentimental — os militares, segundo o acertado lugar-comum, são «silenciosos e sentimentais» —, não é um mártir de Cupido. E é muito menos um romântico do género «em várias flamas variamente ardia», do que um sexual, um «grande amador de mulheres e muito achegador a elas», como diz Fernão Lopes de D. Fernando. E evita sempre a verdadeira intimidade. Delfina é a única que, na sua longa guerrilha amigável com as mulheres, o leva ao casamento, isto é, à derrota, uma vez que essa é a única guerra em que se vence fugindo, segundo o sábio Napoleão.

Durante bem mais de vinte anos, Neves alterna a sua vida de quartel e mato com bares de meninas, meninas de alta escola, sejam casas de alterne, *cabarets, boîtes* ou *dancings.* É a faceta de homem da noite, dessa noite que é a sua maior parceira na vida até encontrar Delfina. Neste mundo noturno feito de *néons,* bolas de espelhos, luzes ofuscantes, pistas de dança metalizadas, uísque marado, palavras

doces e preços salgados, o comportamento do autoritário Neves é totalmente democrático. Os seus subordinados estão totalmente à vontade com ele. Contudo, não o conseguem tutear, porque «o Comandante» é um mestre natural na arte da proximidade distante. No mundo da noite, se um subordinado lhe ripa uma «mulher dama», engole e aguenta. Acontece fora do serviço e, o que é fundamental, «com Neves, diferença sim, privilégio não». Ele sabe bem que a essência da vida militar é a disciplina, não como um fim em si mas como um meio para a eficiência, porém esse saber continuamente praticado por si não destrói, na vida civil, «no conhaque», o seu respeito pelos outros.

Jaime Neves é «um puro», como dirá, muitos anos mais tarde, Delfina Coré dos Santos Neves. Tem a pureza selvagem do homem leal, generoso, brutal, de uma frontalidade que põe o peito e a muleta à frente pelos seus homens e que, no prazer, nunca cai na miséria da alma. É São Paulo quem diz que um puro, apesar das porcarias que possa praticar, será sempre um puro; e um porco, mesmo quando tenta ser limpo, não deixará de ser um porco. Jaime Neves é um puro, não só na boémia, também o é na profissão.

— Saiu da tropa como entrou! — dizem os camaradas que melhor o conhecem. O que não é fácil, sendo consabido que, normalmente, as coisas não saem como entraram.